

Criada por decreto presidencial em 1977 e regulamentada por lei em 1981, a Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) tem uma estrutura organizacional bem definida. Por intermédio de seu plenário, garante autonomia total nas discussões pertinentes a esse importante segmento da formação em medicina.

Os nove membros do plenário da CNRM são representantes de entidades de credibilidade e com inserção social, tendo seus assentos assegurados legalmente. Todos possuem vínculos, diretos ou indiretos, com a residência médica e trabalham com o objetivo de estabelecer resoluções para possibilitar a excelência no treinamento médico em nível de pós-graduação.

Esse mesmo plenário posiciona-se enfaticamente contra a violação dos direitos dos residentes e é opositor sistemático de qualquer tentativa de transformar os acadêmicos em mão-de-obra de ocasião.

Recentemente começou a ser divulgada mais intensamente uma versão de que a residência médica é uma política de saúde. Essa versão, é evidente, vem daqueles que enxergam a medicina pela janela de seus gabinetes. São pessoas que hoje formam uma nova classe: a dos bacharéis em medicina que estão longe da prática médica e que não interagem um momento sequer com a comunidade. Esse mesmo grupo, diga-se de passagem, quando necessita de atendimento, busca o médico que cursou a melhor residência, se possível, com mestrado, doutorado e pós no exterior.

As críticas à residência médica são, na maioria das vezes, desqualificadas, embora respeitadas de acordo com os princípios democráticos e o estado de direito, pois se trata da garantia do contraditório. Porém, os críticos têm de demonstrar coerência nas atividades profissionais. Afinal, não basta ter CRM para passar da categoria de bacharel para a de médico.

É primordial que a residência médica seja respeitada, que não seja vista sob a ótica estreita de política de saúde. Ela é muito mais: é e deve ser sempre encarada e tratada como política de governo, acima de partidos e de homens. É um instrumento essencial ao bom atendimento em saúde.

Aqueles que, por opção ou por incompetência, não conseguiram exercer a medicina, infelizmente passaram a se preocupar erroneamente com aquilo que é a pérola da coroa da assistência de qualidade: a residência médica. Talvez, futuramente, revejam seus valores distorcidos e comecem a contribuir para uma medicina melhor e uma saúde digna.

**Dr. Antonio Carlos Lopes** é presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica e professor titular da Disciplina de Clínica Médica do Departamento de Medicina da Unifesp



## Crise na Medicina

Não há dúvida que nossa classe profissional não é mais a mesma. Vemo-nos hoje em uma luta ferrenha para a diminuição do número de escolas médicas abertas na calada da noite, sem hospitais-escola, sem programas de residência e geralmente em regiões onde já existem escolas tradicionais e com índice satisfatório de médicos/habitantes. Interessante é que nenhum jornal de entidade médica ou representante de nossa classe cita os maiores responsáveis por esse descalabro: os próprios médicos. Há muito deixamos de exercer nossas verdadeiras funções. Se não vejamos: o obstetra não realiza parto normal na rede privada, abrindo uma imensa brecha para as áreas afins assumirem essa função; o clínico geral não realiza a tão falada avaliação holística do paciente, propiciando aos PSF, enfermeiros e congêneres exercerem tal função; o cirurgião geral há muito só opera a patologia e esquece-se do ser humano sob seus cuidados; e por aí vamos. Porém o que mais estarrece e chama a atenção neste momento de crise que nossa profissão atravessa é a desfaçatez com que grande quantidade de colegas defende a não abertura de escolas médicas particulares e mercantilistas. Uma análise mais detalhada do perfil dos alunos destas instituições mostra que os mesmos são filhos de médicos, que em sua maioria estudaram em universidades públicas de qualidade e com bons programas de residência médica. Portanto, caros colegas, deixemos o cinismo de lado. Se grande parte de nossa classe sente-se constrangida pelo grave momento que a medicina atravessa, ela também é a maior responsável por tudo que nos acomete atualmente.

**Dr. Renato Rodrigues de Souza** é membro titular do CBR e ultra-sonografista em Uberlândia (MG)